

Como primeira bandeira de luta dos associados e associadas as sociedades mutualistas operárias, estava a própria garantia de suas sobrevivências, essa luta era travada no terreno de embates diretos e indiretos contra os patrões, que de certa forma estendiam seus interesses ao corpo burocrático do Estado republicano.

Dentro desse contexto, e no período de proibição e burocratização da organização sindical - é possível entender o espaço do associativismo operário e seu caráter de luta assumido por diversas sociedades de socorro mútuos. Tanto em Greves, como motins, protestos via imprensa operária, notas de denuncia nos folhetins dos subalternos, além da propagação de ideários sociais que centralizavam, apriori, a necessidade do conflito, como o Anarquismo e o Socialismo. Embora um parêntese deve ser colocado na questão do Socialismo no Meio-norte, uma vez que esse se manifestava com diversas colorações e entendimentos.

Essas configurações de luta, remetiam a um viés internacionalista de luta. No contexto do Piauí e Maranhão do início do século XX, os ideários sociais, os embates, as manifestações e as pautas de solidariedade operária transnacionais, ficam evidentes em uma análise pormenorizada das atuações dos trabalhadores dentro das sociedades mutualistas, e demonstram duas principais faces: uma da luta pela própria existência, e outra um enfrentamento mais complexo a um modelo social vigente.

Entre essas duas fórmulas, existe uma complexa e emergente disputa pela cidadania, por certos direitos, ou o que Marcelo Mac Cord intitulou de uma luta pela “respeitabilidade pública”.

Nos protestos, nos conflitos e manifestações operárias no meio-norte, essas duas faces do movimento operário mutualista as vezes se entrelaçam, onde a própria garantia da sobrevivência identifica-se com a tomada de consciência do abuso do capital e da exploração. Nesse encontro de lados, faz-se uma classe trabalhadora dentro da própria luta de classes, ela constrói-se pela identificação de seus inimigos e de suas condições desfavoráveis a sua própria existência.

Para dizê-lo com todas as letras: as classes não existem como entidades separadas que olham ao seu redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os que as exploram), identificam os nós dos interesses antagonicos, se batem em torno desses mesmos nós e no curso de tal processo de luta descobrem a si mesmas como uma classe, vindo pois a fazer a descoberta de sua consciência de classe.¹

¹ E. P. Thompson, “Algumas considerações sobre classe e falsa consciência”, in *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*, Campinas, EdUnicamp, 2001, p. 274

Assim o conflito é momento histórico fundamental para se perceber o processo histórico do formar-se de uma classe através de um mutualismo que está em luta, e que fora feito dentro de uma organização construída para sobreviver, mas que percebeu, inventou a sua sobrevivência no enfrentamento dos antagonismos sociais que o mundos lhes apresenta.

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe.²

Entretanto, por uma questão metodológica, nesse momento pretendo apresentar cenas de maiores embates e lutas, o que não significa que a complexidade das associações mutualistas do meio-norte do Brasil sejam unânimes no enfrentamento e no tensionamento com o poderio econômico e estatal. Longe disso, pois é importante frisar que muitas associações de cunho mais ‘reformista’, tendiam a tentar solucionar seus problemas com sua proximidade aos patrões e ao corpo da sociedade política da época. Como o caso da mutual Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, que tinha uma co-irmã em Caxias intitulada Círculo Socialista de Caxias - essas duas entidades assumidamente socialistas, e de viés católico Cristão, entendiam que a institucionalidade, a proximidade da esfera governamental era essencial para o próprio proveito do operariado.

Porém, a vivencia associativas assumia contornos tortuosos, como os da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, que em determinados momentos a mutual aumentava o seu tom de insatisfação ao mundo posto para os seus associados, e via imprensa destilava letras de enfrentamento;

Não somos dos que pensam que a fortuna excessiva dos ricos seja distribuída entre os operários de hoje. Mas, o que entendemos é que tudo deve ter o seu limite e que a sociedade, pondo um freio a essas grandes acumulações de capital- origem do mal que affecta a maior parte do organismo humano.[...] A classe superior de tudo se apodera e de tudo se usufrue, enquanto que a dos operários vive ainda sob o peso do soffrimento, na injustiça, da usurpação e do despreso.³

² E. P. Thompson, *A formação da classe operária inglesa*, vol. 1, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p. 10.

³ BAPTISTA, Zito. Pelo Socialismo II. *O Operario*, Teresina, ano1, n. 16, p.1-2, 05 jul. 1906.

Nessa linha mais enviesada ao contra-ataque operário contra um mundo excludente, trago momentos desse embate.

No Piauí e Maranhão, entre o 1900 e 1922 existiram diversas associações de trabalhadores e trabalhadoras de caráter de socorro mútuo, que prezavam pela união entre as organizações, não era raro perceber que membros de associações do Piauí eram filiados a sociedades do Maranhão e vice-versa, essa ligação não dava-se apenas no campo institucional, havia uma solidariedade também nos momentos de conflito, apoio a greves, a melhores condições de trabalho, denúncias de patrões perversos. Como o caso da greve dos trabalhadores da empresa de energia elétrica em Teresina na década de 1920, e o apoio a greve dos trabalhadores da Bélgica na imprensa operária do Maranhão no início do século XX.

Na Greve dos trabalhadores da companhia de energia elétrica existem poucos relatos, o que sabe-se é que os trabalhadores cruzaram os braços na cidade de Teresina deixando a Província por mais de 20 dias ao escuro, o motivo da greve foi a revolta dos trabalhadores com a demissão de um companheiro de trabalho, a reivindicação estava vinculada ao laço de horizontalidade.

Essa greve teve apoio de estudantes pertencentes ao Liceu Piauiense, no qual alguns faziam parte também do Centro Proletário de Teresina, uma entidade mutualista.

Em período anterior, podemos elencar o registro de outra greve, com participação de trabalhadores do Piauí e Maranhão, além ser de origem de subalternos estivadores, que trabalhavam para as companhias de navegação.

A greve de 1916, teve seu êxito em tempo curto. O movimento fora realizado em área de divisa natural dos estados do Piauí e Maranhão, uma nota de um jornal não operário traz comentários sobre a greve no meio-norte:

Foi muito grave a greve havida ha dias à bordo do vapor Christino Cruz, ao nosso porto em ocasião de seguir viagem para Tutoya. O caso foi que os tripulantes do sobredito vapor não recebiam suas soldadas nas quaes estavam atrasados havia algum tempo. Consta-nos que à vista dessa reclamação aliás bem justa o sr. capitão do Porto intimou o vapor a não sahir enquanto não satisfizesse aquelle compromisso. Consta-nos ainda mais que o sr agente depois de ter rezado o padre nosso de traz para diante e diante para traz e o credo em cruz conseguiu que lhe emprestassem o dinheiro para o pagamento e o Christino lá se fio lampeiro com a tripulação garbosa rumo de Tutoya. Antes assim...[sic]⁴

⁴ (Greve Grave. A SEMANA, 3 de dezembro de 1916. ano I, nº 8. p. 03) Apud SILVA, Alexandre Wellington dos Santos. Um Rio entre a miséria e o Progresso. As relações entre Trabalho e Natureza em Parnaíba – PI na primeira metade do século XX. Revista Piauiense de História Social e do Trabalho. Ano I, nº 01. Julho-Dezembro de 2015. Parnaíba-PI

Trabalhadores estivadores do Piauí e Maranhão trabalhavam juntos nessa embarcação, pertencente a família Cruz, a embarcação transitava entre São Luís (Porto de Tutoya) passando por Parnaíba no porto de amarração, e adentrava até as margens da fábrica de fiação da família em Teresina, a intitulada Companhia de Fiação Cruz localizada as margens do Rio Parnaíba em Teresina. Muitos estivadores pertenciam aos quadros de filiados do Centro Proletário e da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, essa é uma constatação possível pois em diversos momentos nos órgãos de propaganda dessas duas mutuais e em suas notas pagas a outros jornais não operários, as entidades reproduziam circulares da União Nacional dos Estivadores, dentro dessas notas em sua grande maioria reivindicações sobre as condições de trabalho da categoria, e promessas de alguns presidentes para por fim ao sofrimento daqueles trabalhadores.

A rota até São Luís do Maranhão, servia para levar tecidos e a rota de São Luís ao interior dos estados do Piauí e Maranhão, era um trabalho extremamente desgastante para os operários, as diversas mercadorias da família Cruz, unido a outros produtos tornavam as embarcações de carga lotadas e com péssimas condições para os tripulantes. A greve que surge por uma questão eminentemente econômica, mas também pode ser pensada como uma pauta que significa um último estopim de uma insatisfação coletiva.

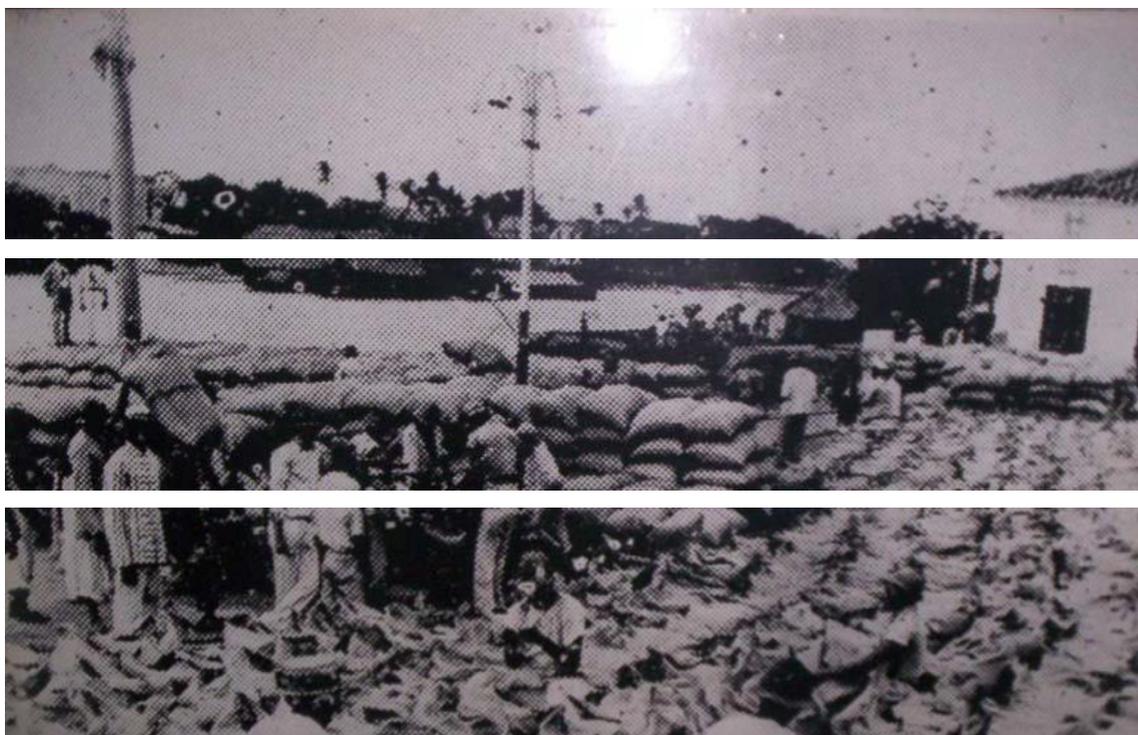


Imagem 1- Trabalhadores estivadores no Porto de Amarração . Parnaíba-PI. Fonte: Diderot Marivignier. Parnaíba-PI.Foto calibrada por Giorgio Richard Nunes Silvério.⁵

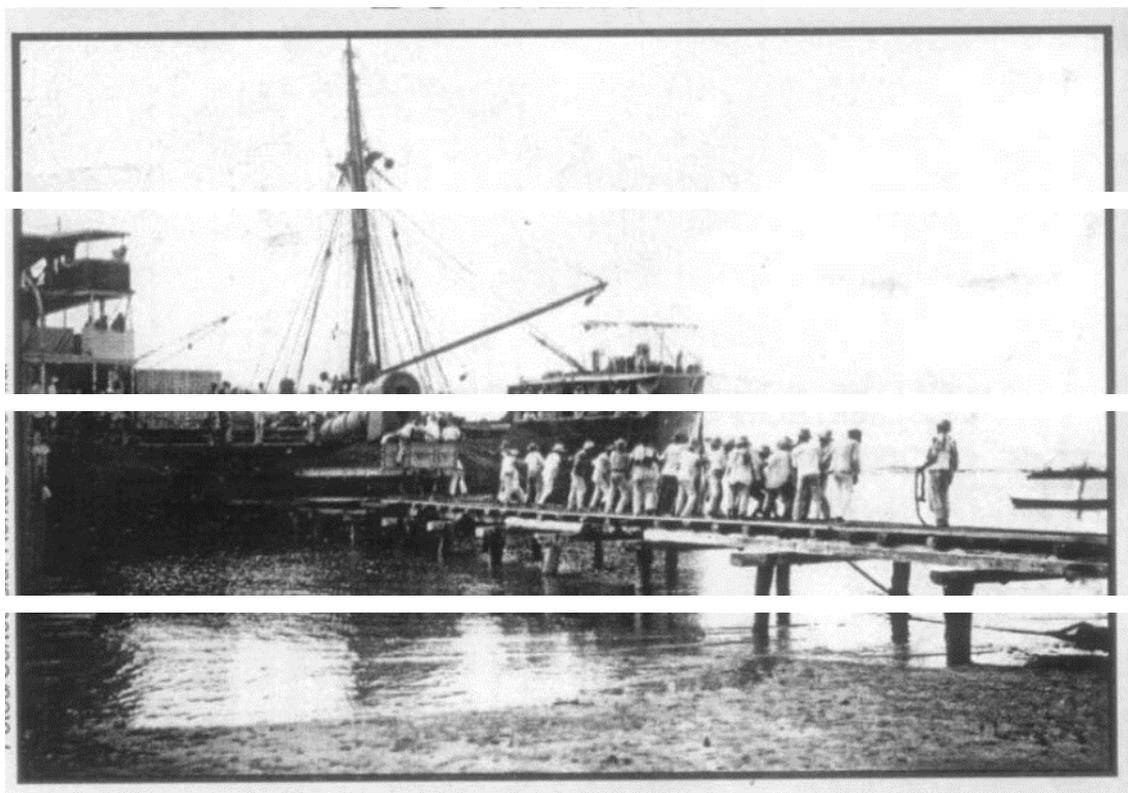


Imagem 2 – Estivadores descarregando locomotivas no trapiche de Amarração, em 1918, Fonte: Diderot Marivignier. Parnaíba-PI. Foto calibrada por Giorgio Richard Nunes Silvério⁶

Para além das greves de fato, o ideal grevista que rondava o mundo no início do século XX, provocava uma certa agitação nas sociedades mutualistas, alguns eram críticos ferrenhos desse método, outros aplaudiam e tencionavam para que ocorressem os movimentos em solo brasileiro. Através dos órgãos de Propaganda das associações mutualistas operárias, é possível a identificação de várias nuances da idéia de greve, e também das ações de enfrentamento social aos antagonicos ao projeto de elevação da classe operária defendida pelas mutuais.

Entretanto haviam como já citadas, visões contrárias ao método da greve, na edição número 11, do órgão de propaganda da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, o jornal *O Operário*, vem a seguinte nota “De todos os recantos do mundo civilizado chega-nos a noticia dessas lutas, onde se patenteiam bem os motivos de sua existencia. Aqui são as greves, ora parciais, ora geraes que levantam-se altivas em busca de vitorias meramente problemáticas”⁷ o autor desse pensamento é contra a ideia grevista, afirma em outra parte da nota tratar-se de um espírito de

⁵ Apud GANDARA, Gercinair Silvério. Rio Parnaíba... cidades-beira.(1850-1950) 2008.Teresina: Edufpi, 2010.

⁶ Apud GANDARA, Gercinair Silvério. Rio Parnaíba... cidades-beira.(1850-1950) 2008.Teresina: Edufpi, 2010.

⁷ FREITAS, Clodoaldo. Justo Desideratum. O Operario,Teresina, ano1, n. 11, p.1, 21 mai. 1906.

revolta que atrapalha elevação da Classe, todavia pela sua própria escrita podemos notar que existia uma configuração grevista no período, que tinham caráter geral ou mesmo parcial, e quanto o autor menciona “vitórias meramente problemáticas”, demonstra que as pautas faziam-se por reivindicações específicas e bem pontuais.

A nota em discordância ao espírito de greve, não significa rotular a associação dona do jornal, como uma entidade sem preocupações com o enfrentamento da questão social, ou mesmo sem pertencimento aos conflitos entre capital e trabalho, em outro pontos a associação demonstra estar atenta a condição operária e sua necessidade de transformação, embora essa mudança não devesse passar pela prática de greves, mas sim por outros meios, como a criação de uma;

lei do trabalho feito de acordo com as necessidades do corpo e do espírito de cada um desses desherdados; premiando o esforço; associando o trabalhador ao capitalista que até hoje tem sido dono exclusivo das riquezas colossais adquiridas pelo mourejar dos pequenos. [sic]⁸

A idéia de uma luta através da institucionalidade republicana, e a bandeira de uma legislação trabalhista era algo que rondava alguns socialistas no meio-norte do Brasil da época, as influências positivistas e da formação em Direito de parte da elite letrada que estava dentro das mútuas operárias, explica em parte o legalismo defendido.

Embora algumas outras associações, mesmo que composta em suas diretorias por quadros da elite letrada, e até mesmo de militares, aprovava a ideia de greve, como é o caso da sociedade mutual Caxiense, União Artística Operária Eleitoral Caxiense, que em seu órgão de propaganda intitulado *O Trabalho, entende que*;

Aqui é o operariado um famoso joguete dessas classes mais protegidas pela política, enquanto em outros centros ele é luminoso foco de proteção dos governos para que o operariado não seja laiaio das pretensões de portentosos patrões ricos ali se a lei não se agita para desoprimí-lo, a greve surge para garantir o direito de cada um – A lei ordena a greve obriga⁹

A tensão entre o caminho da legalidade, a obtenção de direitos através das leis e o caminho de mobilizações grevistas, é algo recorrente no período, a União Operária Eleitoral Caxiense em vários números de seu jornal, publica lei decreto de número 3724, aprovado em 15 de janeiro de 1919, que refere-se sobre acidentes de trabalho, na tentativa de alertar os

⁸ Primeiro de Maio. O Operário, Teresina, ano1, n. 8, p. 1, mai. 1906.

⁹ O Trabalho. Caxias, ano 1, n 1, p2, mai 1920.

trabalhadores e trabalhadoras sobre seus novos direitos, embora por reconhecimento da mesma associação esses não estavam sendo respeitados pelos patrões.

No trecho acima, o entendimento da importância da lei fica evidente, porém a idéia é que a lei somente é colocada em vigor com a participação operária dentro de um processo que busca a efetivação de direitos, se a lei ordena, mas a única capaz de obrigar a se cumprir é a greve.

Esse entendimento deriva do fato da própria experiência daqueles trabalhadores, com o não respeito das ínfimas leis em relação a regulamentação do trabalho, e com o constante atendimento de trabalhadores e trabalhadoras associados que recorriam a caixa de socorros mútuos da entidade.

Em matéria no mesmo ano de 1919, no Jornal dos artistas de São Luís do Maranhão vem a seguinte matéria intitulada “Acidentes do Trabalho como as leis são executadas”,

matéria completamente nova a lei sobre acidente do trabalho continua a ser burlada de mil maneiras diferentes. Cada qual mais curiosa e reveladora da grossa ignorância da maioria da população inclusive os letrados e até os legisladores em relação às leis, no foro a lei sobre acidente de trabalho tem provocado verdadeiras balburdías e ainda há dias noticiamos o caso de um operário que tendo perdido dois dedos da mão direita em um acidente de trabalho, longe de ser indenizado pelos patrões foi condenado nas custas do processo. Sobre muitos outros aspectos continua a humanitária lei a ser burlada, um dos mais curiosos porém é o que nos x-ilegível-x ouvindo a narrativa de um operário vítima de um acidente, disse muito naturalmente acabava de sair da Santa Casa de Misericórdia onde em consequência do acidente foi internado como indigente.¹⁰

A lei que Epitácio Pessoa decretara, trazia até mesmo valores para indenização, mas não era entendida ou talvez não se quisesse ser entendida, por parte das autoridades locais, o que confluía para a necessidade de denuncia via imprensa operária, como o caso do operário citado acima, pelo Centro Artístico Eleitoral Maranhense, que era de fato a entidade mutual que influenciou a criação da União Operaria Eleitoral Caxiense, o qual era uma espécie de “braço” da sociedade mutual Ludovicense, na cidade de Caxias.

A experiência com a aplicabilidade real da lei, faz com que o enfrentamento para algumas entidades seja feita de forma mais direta, principalmente através de bandeiras de luta defendidas via imprensa operária. Como no caso da luta pelas 8 horas diárias.

A União Progressista, vai empregar todos os esforços para a regularização de

¹⁰ JORNAL DOS ARTISTAS. órgão do Centro Artístico Operário Eleitoral Maranhense, ano 1, 31 de agosto de 1919, n 16 p 3

8 horas de trabalhos diários para os artistas e operários desta cidade, na ordem seguinte: - das 7 horas as 10, das 11 as 16 (4 da tarde). O artista precisa ser mais livre, e ter um salário mais elevado, mais digno de seu sacrifício, especialmente, na dureza da epocha de carestias que atravessamos. [sic]¹¹

A Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, defende intensamente a bandeira das 8 horas diárias, em um primeiro momento de sua vida associativa, essa bandeira está disseminada no meio-norte brasileiro desde 1906, quando chega em associações do Piauí e Maranhão as teses aprovadas no primeiro congresso operário Brasileiro.

Na mesma linha dos enfrentamentos relacionados as relações de trabalho, estavam também as reivindicações por melhores salários, um salário mais elevado era pauta frequente na reivindicação das sociedades mutuais no meio-norte,

O operário trabalha dez horas por dia, durante a vida inteira, entre amargos e pesados sofrimentos, exposto a gelidez do frio e ao fogo abrasador do sol, e, no entanto, quando já se sente alquebrado pelos dias da vida quando perde a vitalidade physica, volta ao mísero casebre em extrema pobreza, indo muitas vezes, mendigar um obulo no outro dia a porta d'aquelle que enriqueceu com o suor do seu trabalho. Talvez dirão: _ porque elle não economisou alguma coisa? Não sabia que tinha de chegar a velhice? _Ah! E quem pode fazer um peculeo, quem passou a vida, com o peso de família, ganhando 1\$000 ou 1:500 por dia?¹²

O salário calculado para apenas a reprodução da força de trabalho, era alvo das preocupações, protestos e denúncias das sociedades operárias, a Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí reivindicava reiteradamente melhores condições para os operários, embora rejeitasse o método da greve como princípio de luta, a reivindicação por melhores condições de existência dos trabalhadores produzia essas retóricas mais incisivas.

Algumas sociedades mutuais chegavam até mesmo propor valores e formas de pagamento que se encaixassem melhor nas condições de vida e existência dos trabalhadores e trabalhadoras. A União Artística Operária Eleitoral Caxiense propagava melhores formas de pagamento de acordo a dias na semana, a pedido dos próprios trabalhadores;

Tabela de Salários diários - Os operários Campinas e marceneiros reunidos na sala destinada aos trabalhos da União artística Operária eleitoral Caxiense em vista da atual carestia da vida resolvem pedir dia 10 do mês passado em diante para pagamento dos seus salários diários o comprimento da seguinte tabela: tabela mestre de obra 8\$000 oficial de 1ª classe 6\$000 oficial de segunda classe 5\$000 oficial de terceira

¹¹ FESTAS. O Artista, Parnaíba, ano1, n.2, p.2, 07 set. 1919.

¹² BAPTISTA, Zito. Pelo Socialismo II. O Operario, Teresina, ano1, n. 16, p.1-2, 05 jul. 1906.

classe 4\$000 seguem-se 32 assinaturas. Que as outras classes tenham o gesto de solidariedade dos Carpinas e marceneiros são os nossos desejos.¹³

A organização e a luta por melhores salários e a proposição dessas pautas dentro de um espaço de uma mutual, reflete um ponto importante em uma discussão a respeito de enfrentamentos sociais por dentro do associativismo mutualista na primeira república, trata-se do lugar ocupado pelas associações mutualistas nos conflitos com a classe patronal.

As manifestações de confrontos e apoio a greves reforçam o espaço do mutualismo com algo complexo, e que no Brasil e no Mundo no período do início do século XX, experimentou diversas colorações ideológicas e formas de atuação no mundo social.

¹³ O TRABALHO. Órgão da Sociedade União artística Operária eleitoral Caxiense ano 1 1º de Janeiro de 1920, n 1, p 3

Bibliografia

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina*. Teresina: EDUFPI, 2010.

BATALHA, Cláudio. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo, Contexto, 2000.

BATALHA, Cláudio et. al. (Org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

BATALHA, Cláudio. *Dicionário do Movimento Operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920*. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas - Vol. I - 8ª Ed.* São Paulo: Brasiliense, 2012.

BATALHA, Claudio; MAC CORD, Marcelo. (Orgs.). *Organizar e Proteger. Trabalhadores, Associações e Mutualismo no Brasil (Séculos XIX E XX)*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2014.

BATALHA, Cláudio. *Os desafios atuais da história do trabalho*. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006.

BATALHA, Claudio. *Realçando o debate sobre mutualismo no Brasil: As relações entre corporações, irmandades, sociedades mutualistas de trabalhadores e sindicatos á luz da produção recente*, Mundos do Trabalho, vol,2.n.4 ago-dez. de 2010

BATALHA, Cláudio. *Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária*. Cadernos AEL (Arquivo Edgard Leuenroth - IFCH/UNICAMP), Campinas, v. 6, n. 10-11, p. 41-68, 1999.

BATALHA, Cláudio. *Uma outra consciência de classe?: O sindicalismo reformista na Primeira República*. Ciências Sociais Hoje. São Paulo: Vértice, 1990.

BATALHA, Cláudio. *Vida associativa: Por uma História Institucional nos estudos do movimento operário. Anos 90*: Porto Alegre, n.8, dezembro de 1997.

CARONE, Edgar. *Movimento operário no Brasil 1877-1944*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1984.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Experiência do Movimento Operário*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHAUÍ, Marilena. *Apontamentos para uma Crítica da Ação Integralista Brasileira*. In: *Ideologia e Mobilização Popular*. São Paulo, CEDEC/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

COSTA, Hélio da. *Em busca da memória: Comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo: Scriccta, 1995

COSTA, Rafael Maul. *A “Escravidão Livre” na corte: escravizados moralmente lutam contra a escravidão de fato (Rio de Janeiro no processo da abolição)*. Niterói: Tese de Doutorado, 2012.

De LUCA, Tânia Regina. *O sonho do futuro assegurado*. São Paulo. Editora Contexto, 1990

ENGELS, Friedrich, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, São Paulo, Boitempo, 2008.

FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa Operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988.

FREIRE S. JÚNIOR, Leôndidas. *Cultura Operária Associativa: o centro proletário piauiense e os trabalhadores da primeira república no Piauí*. In: VI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 2012, Teresina. Anais Eletrônicos... Disponível em <<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Leondidas%20Freire%20S.%20Junior%20&%20Antonio%20Melo%20Filho.pdf>> Acesso em 23 mar. 2013.

FREIRE S. JÚNIOR, Leôndidas. *OS OPERÁRIOS E OS JORNAIS: As relações entre a imprensa operária e os trabalhadores (as) do Piauí na Primeira República*. 96 fls. Monografia (Graduação em História) UFPI. 2013.

GOMES, Ângela M. de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice, 1988.

GOMES, Ângela M. de Castro. *Burguesia e Trabalho: Política e legislação social no Brasil 1917 - 1937*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo S. *A classe operária no Brasil documentos 1889-1930: O movimento operário*. São Paulo: Alfa-Ômega, v. 1, 1979.

- HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil: das origens aos anos 20*. São Paulo: Ática, 1991.
- HOBSBAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre a História*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOBSBAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o Marxismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LINDEN, Marcel van der (ed.). *Social security mutualism. The comparative history of mutual benefit societies*. Bem/Berlin/Frankfurt/New Iork/ Wien: Peter Lang, 1996.
- MAC CORD, Marcelo. *Andaimes, casacas, tijolos e livros: uma associação de artífices no Recife, 1836-1880*. Campinas: UNICAMP, (Tese, doutorado em história), 2009
- MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. *Filhos do trabalho, apóstolos do socialismo: os tipógrafos e a construção de uma identidade de classe em Maceió (1895/1905)*. Dissertação de Mestrado. UFPE. 2004
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *Escravidados e livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.
- MATTOS, Marcelo Badaró *Trajetórias entre Fronteiras: O fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro*. *Revista Mundos do Trabalho*, vol 1, n.1, jan-jun , 2009.
- MATTOS, Marcelo Badaró, *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*, 2a. ed., São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e velhos sindicalismos: Rio de Janeiro(1955/1988)*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.
- MUNAKATA, Kazumi. *A legislação trabalhista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: EDUFPI, 2011.
- SILVA da, Adhemar Lourenço Jr. *As sociedades de socorro mútuos: estratégias privadas e públicas(estudo centrado no Rio Grande do Sul, 1854-1940)*.Porto Alegre. PUC-RS, Tese de Doutorado (Doutorado em História) 2005
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Em busca das origens da História Global: Aula inaugural no College de France*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol 30, n 60, p. 219-240 jan – abr 2017.
- RODRIGUES, José Albertino. *Sindicato e desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia, 1968.

ROMANI, Carlo. *A revolta de 1924 em São Paulo: Uma história mal contada*.p.52 In: ADDOR, Carlos;DOMINICIS, Rafael. *História do Anarquismo no Brasil*. Vol 2. Rio de Janeiro: editora Achiamé, 2009.

SIMÃO, Aziz. *Sindicato e Estado: Suas relações na formação do proletariado de São Paulo*. São Paulo: Dominus, 1966.

THOMPSON, E. P. Algumas observações sobre classe e falsa consciência In: *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas Editora da Unicamp, 2001.

THOMPSON, E. P. Algumas observações sobre classe e falsa consciência In: *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas Editora da Unicamp, 2001.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa. I : A árvore da liberdade*. Rio de Janeiro:paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

TOLEDO, Edilene. A Trajetória Anarquista no Brasil da Primeira República. In; FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *A formação das tradições 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

VISCARDI, Claudia. *O estudo do Mutualismo: Algumas considerações historiográficas e metodológicas*. *Revista Mundos do Trabalho*, vol 2, n.4, ago-dez, 2010.